

RESENHA BIBLIOGRAFICA

ALFREDO BOSI — VITOR RAMOS — PEDRO MOA
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

as diferenças entre as duas línguas em três planos: lexical, sintático e "da mensagem" (i. e. do sentido fornecido pelos elementos estruturais ou pelo contexto). Antes, porém, de começarem este estudo, desbravam o caminho em sessenta longas páginas de Introdução, definindo os conceitos com que vão jogar no corpo da obra. Incluem mesmo, logo no início, um glossário de termos técnicos, preocupação que pode parecer um pouco pedante e retórica, mas que, no fim de contas, não é de desprezar, principalmente porque, como os A. adotam um método linguístico eclético, que vai de Saussure e Ballá a Whorf e Trager, certa terminologia empregada necessita, na verdade, de definição.

Na primeira parte, referente ao léxico, insiste-se num conceito que, embora já largamente assente no plano das generalidades, é aqui exposto com precisão e cimentado em abundantes exemplos: o da abstração da língua francesa, em relação ao inglês. Esta diferença de valor semântico, devidamente codificada e analisada, permite depois passar ao estudo de certas dificuldades bem conhecidas de todos os tradutores, como a dos falsos amigos, que surge neste livro, pela primeira vez, descrevendo e classificando em categorias linguísticas, segundo três aspectos: semântico (eventualmente não significa em francês éventuellement, mas par la suite), estilístico (belligerent pode ser em francês belligérant ou belliqueux) e estrutural (in view of será étant donné que e não en vue de). A noção de aspecto, habitualmente aplicável apenas aos verbos, é alargada pelos A. às restantes categorias gramaticais, em duas grandes divisões, inspiradas na estilística de Bally, e em tantas subdivisões quantas as necessárias para transpor de uma língua para outra certas noções traçoceiras para o tradutor.

No estudo da parte sintática, a inovação mais importante é a análise da transposição. Também aqui, muitos problemas com que um tradutor experimentado depara amiúde e que algumas vezes consegue resolver intuitivamente, surgem integrados numa armação linguística, permitindo soluções rigorosas que, de outra forma, dificilmente se encontrariam. Na terceira parte do livro, os A., entrando no campo bem mais flutuante das relações entre a língua e o pensamento, apelam para a metalinguística, isto é, para as relações da língua com o resto do comportamento humano. Análises assim a linguagem em situação e partem daí para as diferentes formas de resolver uma das questões mais delicadas que podem surgir a um tradutor: a versão do significado de certas frases que apenas são compreensíveis quando as integramos em determinado complexo civilizacional. A obra, que até aqui tinha um caráter talvez prático, extremamente baseada em exemplos, aplicáveis apenas a casos particulares, alça-se então ao nível da teoria: os autores estruturam primeiro uma tese da situação e só depois extraem conclusões práticas, muito pertinentes. Apesar das diferenças de clima entre o francês e o inglês, de um lado, e o português, de outro, algumas soluções parecem de grande interesse para os tradutores da nossa língua (como a que é esboçada para as imagens e metáforas, pag. 199) e até mesmo em especial para os tradutores brasileiros, como a que os A. apontam para as noções de *tutoiement* e de *vouvoiement*, escolha bem difícil de transpor nas versões para o português do Brasil. Outro ponto importante é o estudo da modulação, "la pierre de touche du bon traducteur". A modulação, que no fim de contas todo tradutor (tal como M. Jourdain em relação à prosa) pratica sem saber, consiste na mudança de ponto de vista, ao passar determinado conceito de uma língua para outra. Assim, onde um inglês diz: *He cleared his throat*, o francês, tomando uma parte pela outra, dirá: *Il s'éclaircit la voix* (ex. pag. 238). Algumas destas modulações já se encontram fixadas nas duas línguas, a tal ponto que figuram nos dicionários. Outras, porém, mais modernas, ainda não assentes, dependem da metalinguística e só o seu enquadramento na situação a que se referem permitirá traduzi-las corretamente. É neste sentido que se orienta a parte final do livro, mostrando que o comportamento civilizacional inglês ou americano, tanto no que diz respeito a fatos da vida cotidiana, nomeadamente a me-

dida do tempo, a habitação, as profissões, as medidas, as refeições, os contactos sociais, como até no que concerne à expressão de conceitos abstratos, é muito diversa da francesa, o que obriga o tradutor a um conhecimento das duas civilizações que lhe permita transpor rigorosamente mas livremente os efeitos particulares do original. Até que ponto, porém, pode ir esta liberdade? Comentando, na Conclusão, alguns conselhos de Gide aos tradutores, os A. afirmam, após muitos outros, aliás, que o problema da literalidade ou da liberdade na transposição de um texto não está bem colocado nestes termos. Não há, na verdade, escolha possível entre tradução literal e tradução livre, mas entre traduções exatas e inexatas: "On doit rester littéral tant qu'on ne fait pas violence à la langue d'arrivée. On ne s'écarte de la littéralité que pour des raisons de structure ou de métalinguistique et on s'assure alors que le sens est sauvegardé" (pag. 268). O conselho de *tricherie perpétuelle* que Gide dá aos tradutores deve ser acompanhado por uma indicação dos limites dessa *tricherie*. E é assim, precisamente, que os A. concluem: "On voit que nos préoccupations sont très proches de celles d'André Gide, mais que nous nous séparons de lui sur le choix des moyens. Là ou il se fie surtout à l'inspiration et à l'art, nous préférons, tout au moins pour commencer, l'utilisation de procédés soigneusement mis au point et auxquels nous sommes arrivés par une comparaison méthodique des ressources des deux langues". O livro contém ainda uma abundante bibliografia, devidamente classificada, e a análise de sete trechos traduzidos do francês para o inglês ou vice-versa, aplicando os princípios expostos pelos A. Teremos alguma vez uma obra deste tipo para a língua portuguesa? De qualquer forma, pode afirmar-se que não a teremos tão cedo, pois trata-se de um trabalho de fôlego, cuja elaboração deve ter tomado aos A. um bom par de anos. Vamos, portanto, recomendando insistentemente aos tradutores médios (e até aos bons, por que não?) a leitura deste livro de Vinay e Darbelnet.

V.R.

J.-P. Vinay e J. Darbelnet, *STYLISTIQUE COMPAREE DU FRANÇAIS ET DE L'ANGLAIS*, Paris, Didier, 1958, 332 pags.

Trata-se, que o título não nos enganava, de um manual de tradução, o mais sistematizado e o único verdadeiramente científico de que temos conhecimento. Partindo embora do princípio de que, sob certos aspectos, a tradução depende mais "de la création artistique que des méthodes strictes proposées par les linguistes" (pag. 21), os autores julgam possível, com vista a resolver certos problemas neste campo, sistematizar